

Resenha

COELHO, Alexandra Lucas. *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso*. Lisboa: Caminho, 2019.

COELHO, Alexandra Lucas. *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Jorge Vicente Valentim
Departamento de Letras
Universidade Federal de São Carlos

Recebido em: 21/02/2020
Aprovado em: 03/10/2020

Lançado em simultâneo, em Portugal e no Brasil, respectivamente, sob a chancela da Editorial Caminho (Lisboa) e da Bazar do Tempo (Rio de Janeiro), o mais recente livro da escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho, *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso*, constitui a concretização dos laços afetivos e das paixões vividas e desenvolvidas pela autora em terras brasileiras, em virtude, sobretudo, de sua experiência como jornalista e correspondente internacional em diferentes regiões do país. Com ele, encerra-se uma trilogia luso-brasileira, iniciada com as crônicas, em *Vai, Brasil!* (2013), e seguida do romance *Deus-dará* (2016).

Como o próprio título indica, toda a trajetória centra-se no trânsito executado no estado da Bahia, onde, tal como indicado na narrativa, a autora ainda não havia aportado, enquanto *locus* e objeto de suas andanças pelo país. Depois de morar alguns anos no Rio de Janeiro, retorna a Portugal, onde, em julho de 2019, “[...] entre concertos portugueses, Caetano repetiu algo que me dissera anos antes: falta Bahia. Foi o clique para este livro aparecer, com título, índice, pela ordem das viagens. Na mais remota há pontas que se atam ao futuro, e com ela começara a vir Caetano” (COELHO, 2019, p. 16)¹. Assim, *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso* apresenta-se como uma autêntica narrativa de viagens, confirmada pela própria estrutura arquitetural adotada: “Primeira volta (setembro 1997)”, “Segunda volta (dezembro 2016 – janeiro 2017)”, “Terceira volta (agosto 2017)”, “Quarta volta (maio 2019)” e “Quinta volta (promessa)”.

Revelada a movência territorial pela Bahia, a obra surge também contaminada por um discurso memorialista, cuja intersecção se concretizará, muitas vezes, pela presença da categoria genológica que Alexandra Lucas Coelho domina plenamente: a crônica. Essas, aliás, de sua própria autoria, se encontram no corpo dessas *Cinco voltas*, explicitamente indicadas e citadas na sua integralidade pela autora, revelando em muitas delas, inclusive, a presença *leitmotivica*

¹ A paginação refere-se à edição portuguesa da Editorial Caminho.

do poeta e artista brasileiro, mencionado no título, como força motivadora de sua escrita. São elas: “Vontade de ser mais bonito” (COELHO, 2019, p. 46-50), “Bahia de Todos-os-Santos” (COELHO, 2019, p. 111-115), “No recôncavo de Caetano Veloso” (p. 117-122), “Gabriela vence Estaline” (COELHO, 2019, p. 142-146) e “A lavagem sobre o Bonfim” (COELHO, 2019, p. 159-162), todas inseridas no período de dezembro de 2016 a janeiro de 2017.

Num jogo metatextual bem urdido, entre a impressão escrita, resgatada nas citações completas dos seus textos “sobre a Bahia em papel” (COELHO, 2019, p. 159), e a instrumentalização recuperadora do passado, a narradora-protagonista vai revelando, gradativamente, as suas artimanhas e a sua metodologia textual, que podem ser compreendidas tanto na composição das crônicas, quanto na construção da obra. Afinal, também nas *Cinco voltas*, o leitor poderá perceber “como coisas mínimas se colam na memória, enquanto sequências inteiras se camuflam ou diluem. Grandes apagões, pequenas lapas: parte da interrogação que podemos fazer sobre a memória” (COELHO, 2019, p. 141).

Assim, nesse tecido com idas e vindas, em cada uma das voltas, uma rede intertextual vai sendo construída, onde a figura artística de Caetano Veloso emerge como o grande mote central, seja nas citações diretas dos seus versos, seja na presença física muito próxima da narradora. Mas não só o poeta da Tropicália é convidado nessa aventura, porque todo um elenco paradigmático da literatura, da cultura e das artes brasileiras vai sendo paulatinamente evocado no tecido narrativo: Augusto de Campos, Castro Alves, Dorival Caymmi, Eduardo Viveiros de Castro, Euclides da Cunha, Gilberto Gil, Gregório de Matos, Haroldo de Campos, Jorge Amado, Jorge Mautner, Marcio Debelian, Maria Bethânia e Vinicius de Moraes, além de muitos outros que comparecem para consolidar esse diálogo entre Brasil e Portugal, proporcionado pelo olhar de Alexandra Lucas Coelho.

Todos esses recursos permitem pensar as *Cinco voltas* da escritora portuguesa dentro da categoria de narrativas de viagens, na medida em que as impressões sobre o Brasil, as suas particularidades e mesmo as suas complexidades sócio-políticas surgem sem rodeios e sem qualquer maquilagem mascaradora ou idealizadora. Isto não significa que o texto apela para um tom cáustico e corrosivo apenas. Ao contrário, a perspectiva fornecida constitui uma ótica de construção do nosso espaço nacional a partir de um olhar estrangeiro, que, se valendo de uma salutar deglutição bem ao gosto antropofágico, devora e absorve para devolver com facetas e nuances que os próprios leitores locais nem se dariam conta para as perceber.

Exemplos muito significativos e impactantes dessa poética crítico-antropofágica de Alexandra Lucas Coelho, que tudo digere e absorve com uma justeza singular, podem ser observados em três momentos que, por si sós, já valeriam a leitura de *Cinco voltas na Bahia*: 1º) ao abordar a figura tutelar de Antonio Carlos Magalhães (ACM) para falar dos “[...] senhores feudais que ainda há no Brasil, e também de quem soube ter poder na ditadura e ainda mais na democracia” (COELHO, 2019, p. 24); 2º) ao descrever o cenário de lutas por

direitos duramente adquiridos no contexto brasileiro, nos últimos anos: “Mudei-me para o Brasil nos últimos meses de Lula como presidente, vai fazer uma década, a mais apocalíptica da democracia brasileira. A barra foi ficando cada vez mais pesada a partir do golpe: 2016-2017-2018-2019. E vamos para 2020” (COELHO, 2019, p. 254); 3º) ao desenvolver uma leitura lúcida, pontual e cirúrgica sobre a polêmica inauguração da estátua do Padre Antônio Vieira, em junho de 2017, no centro histórico de Lisboa:

O problema dessa estátua, claro, não é ser uma estátua de Vieira. É ser uma estátua de Vieira com um crucifixo apontado para nós, e indiozinhos a seus pés. Ou seja, é ser a consagração agora de um Vieira catequizador, de um cristianismo proselitista, que se mete pela nossa cara, e a cara de Lisboa dentro. Não se trata de julgar o Vieira do século XVII à luz de 2017, mas de julgar homens de hoje à luz de hoje, como depois escrevi. [...] Líderes religiosos e sobretudo políticos, eleitos num Estado laico, têm a obrigação de saber que inaugurar uma estátua em 2017 não é inaugurá-la em 1697. Não podem fazer tábua rasa de tudo o que hoje se sabe sobre os povos indígenas, a escala e características da escravatura, a devastação evangelizadora. Não podem apresentar Vieira na placa da estátua como defensor dos Direitos Humanos, quando ele defendeu a necessidade de escravizar milhões de negros, porque o Império precisava disso, a metrópole precisava disso. Uma estátua pública é uma declaração pública, é uma fala. Que fala é aquela? Que diz ela em 2017? Que não aprendemos nada em séculos? Vieira não tem culpa, a culpa é de agora (COELHO, 2019, p. 227-228).

Sem perder a sua percepção crítica da realidade em que vive, seja a brasileira, seja a portuguesa (ou onde estiver), no meu entender, esse é um dos momentos culminantes da obra, na medida em que não abre mão de questionar gestos políticos carregados de “boas intenções”, mas que, na verdade, tentam muito comodamente não ver aquilo que “se mete pela nossa cara”: ranço de um colonialismo “tão pacífico”, que é incapaz de enxergar um “ambiente de ocultação, de silenciamentos e de invisibilidades” (GORJÃO, 2017, p 19) como um *locus* marcado por um racismo institucionalizado e estrutural. Seja lá, seja cá.

Por isso, gosto de pensar que a autora consagra, em *Cinco voltas na Bahia*, uma técnica de construção que domina muitíssimo bem. Não à toa, já no seu romance *O meu amante de domingo* (2014), ela recorre a esse mesmo método, ao revelar que “O livro seria uma espécie de antropofagia, ela comendo o inimigo para ficar mais forte, como uma tupi portuguesa no Verão de 2014” (COELHO, 2014, p. 91; grifos meus). E se tal ritual devorador e apropriador não deixa de evocar um diálogo com a estética modernista de Oswald de Andrade, tão presente na tessitura da obra de 2019, isso leva-me a refletir sobre a própria marca singular da escritora, porque, nesse sentido, Alexandra Lucas Coelho se revela uma grande e criativa antropófoga, sem deixar de se posicionar criticamente sobre assuntos da cena político-social dos espaços por onde transita.

Ao cardápio, com textos de autores e artistas brasileiros já mencionados, também acrescenta outros de sua própria autoria, além dos consagrados na literatura de viagens. Com uma rica tradição e uma numerosa fortuna crítica que a própria cultura portuguesa fornece,

se observarmos atentamente a novíssima produção literária portuguesa, logo se perceberá que Alexandra Lucas Coelho não se encontra sozinha. Ao seu lado, outros títulos podem ser elencados, tais como *Dentro do segredo* (2012) e *O caminho imperfeito* (2017), de José Luis Peixoto, onde o autor empenha-se pelos territórios da Coreia do Norte e da Tailândia, respectivamente; *Leva-me contigo* (2019), de Afonso Reis Cabral, relato das andanças do jovem escritor pela Estrada Nacional 2, a grande rodovia que corta Portugal de Norte a Sul; ou mesmo, numa perspectiva de pendor geográfico e informativo para o campo dos estudos sobre turismo, *O esplendor do mundo* (2017) e *África acima* (2019), de Guilherme Cadilhe.

A diferença fundamental dessa obra de Alexandra Lucas Coelho reside não só no fato de o espaço contemplado ser o brasileiro, mas pela forma com que vai absorvendo múltiplos mecanismos para expressar a sua visão de mundo e a sua percepção local, ora se valendo de digressões memorialistas muito particulares, ora incorporando toda uma série de referências e textos, além de registros escritos seus já publicados, com expressos vigor e rigor críticos. Nesse sentido, a autora de *Cinco voltas na Bahia* parece, realmente, confirmar o seu estatuto de uma “tupi portuguesa” (COELHO, 2014, p. 91), porque demonstra um domínio não só sobre as particularidades das narrativas de viagens, mas também sobre a cultura e a política brasileiras e portuguesas, e as manipula com um resultado e um acabamento sedutores, estabelecendo uma espécie de pacto de magnetismo e atração com os leitores (independentemente dos seus espaços de origens e dos seus locais de observação).

Do título aos mapas, da autoapresentação da narradora-protagonista dessas aventuras à exposição dos seus objetivos, da recordação dos eventos à consecução das digressões memorialistas e pessoais, do passado mais recente revisitado a uma promessa de volta futura, todos estes elementos são devidamente articulados e dão ao texto de Alexandra Lucas Coelho um acabamento que atrai a atenção e motiva a empreender uma viagem (literal?) pelos espaços narrados.

São cinco as voltas ricamente relatadas no corpo da obra. No entanto, tal como na esteira arquitetural das narrativas de viagem (MATOS, 1999), antes de descrever esses percursos, a autora faz questão de colocar 3 imagens consecutivas, indicando o mapeamento de suas andanças (COELHO, 2019, p. 10-11): o mapa mundi com a indicação geográfica dentro dos espaços continental e nacional, localizado na parte superior de forma superposta, onde se vê o litoral da Bahia, com um destaque à cidade de Salvador. Em seguida, num recorte mais próximo, detalhes dos locais exatos por onde circulou na capital baiana, incluindo os sítios da Barra, do Rio Vermelho e de Itapuã. E, como que atestando a necessidade de demarcar e confirmar a sua presença nesse mapa, ela estampa 4 fotografias da paisagem da Lagoa de Abaeté (COELHO, 2019, p. 216-217), “sem retoque nem tratamento”, mas também sem perder a sensibilidade para detectar a transitividade dos momentos vividos no seu percurso: “Sendo fotografias desse dia, na ordem em que foram tiradas, estas imagens falam tanto do que o Abaeté ainda *realmente* é, como do que a escrita espera. O momento para o qual ela vive” (COELHO, 2019, p. 215).

A autora abre a obra com um alerta o leitor: “Não pensei escrever este livro. [...] Não pensei em escrevê-lo mas descobri que estava por escrever. Sair é de facto a palavra, bem mais do que podia supor naquele sábado” (COELHO, 2019, p. 15), reiterando, em momentos posteriores, essa condição ao longo do texto. No entanto, apesar da surpresa e da inevitabilidade tantas vezes declaradas pela protagonista, no final da narrativa, diante da possibilidade de um retorno (daí a última parte chamar-se “Promessa”), a sensação que nós, leitores, absorvemos é a de que ainda bem que ela o escreveu, porque, com *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso* (2019), reconhecemos não apenas os laços que nos unem, mas também os que nos distinguem, afinal,

A Bahia é o primeiro lugar entre Portugal e Brasil. Inicia a nossa cronologia e a nossa dificuldade. O que nos ligou será o que nos separa, está no meio de nós, como o Atlântico e a linha do Equador. Mas também em muitos de nós como biografia, letras e músicas, *dentes e músculos* (COELHO, 2019, p. 16).

Não será à toa, portanto, que, em julho de 2020, *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso* tenha arrebatado o “Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga”, pela Associação Portuguesa de Escritores (APE). Com um júri composto por José Manuel Mendes (Presidente da APE e coordenador da comissão julgadora), Guilherme d’Oliveira Martins (Presidente do Grande Conselho do Centro Nacional de Cultura), Fernando Batista (professor da Universidade do Porto) e Isabel Cristina Mateus (professora da Universidade do Minho), a distinção à obra foi concedida com parecer unânime.

Reconhecimento, aliás, mais que merecido para uma escritora que, com seu olhar sedutoramente devorador e sua poética crítico-antropofágica, nos ajuda a pensar o nosso país e a nossa condição. Que venham, então, outras e novas voltas, e muitos beijos. Bem haja!

Referências

- COELHO, Alexandra Lucas. *O meu amante de domingo*. Lisboa: Tinta-da-China, 2014.
- _____. *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso*. Lisboa: Caminho, 2019.
- HENRIQUES, Joana Gorjão. *Racismo em português*. O lado esquecido do colonialismo. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2017.
- MOTA, Jacinta Maria. *Pelos espaços da pós-modernidade*. A literatura de viagens inglesa da segunda grande guerra à década de noventa. Porto: Afrontamento, 1999.

Minicurrículo

Jorge Vicente Valentim é professor associado de literaturas de língua portuguesa (sub-áreas: literatura portuguesa e literaturas africanas de língua portuguesa) do Departamento de Letras e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).